

EIXO TEMÁTICO 6 | EDUCAÇÃO, SOCIEDADE E POLÍTICAS PÚBLICAS

EDUCAÇÃO EM TEMPOS DE CULTURA DO ÓDIO: reflexões sobre a relação entre a catástrofe moral capitalista e o fenômeno da violência às escolas, no Brasil

EDUCATION IN TIMES OF HATE CULTURE: reflections on the relationship between the capitalist moral catastrophe and the phenomenon of violence at schools in Brazil

Lourdes Karoline Almeida Silva¹
Radamés de Mesquita Rogério²
Rebeca Andrade Pereira

RESUMO

Neste artigo, abordamos o fenômeno da violência às escolas, no âmbito da sociedade massificada pautada na cultura de dominação patriarcal racista capitalista que recorre à violência para impor a exploração e a desumanização. Nos últimos anos, esse fenômeno foi intensificado, no Brasil, através do extremismo difundido pelos meios digitais na promoção da banalização do sofrimento, das violências, do mal e da morte. Nesse sentido, este artigo reflete analiticamente acerca dos impactos da cultura do ódio na educação, no âmbito do que Arendt chama de catástrofe moral. Defendemos a responsabilização coletiva pela educação amorosa da infância. Para que possamos viver nossa humanidade com inteireza, é urgente o fim da cultura de dominação patriarcal racista. Sem isso, apenas haverá o tratamento dos sintomas e não das causas do fenômeno da violência às escolas.

Palavras-chave: Educação; catástrofe moral; cultura de dominação patriarcal; fenômeno da violência às escolas; indiferença.

ABSTRACT

In this article, we address the phenomenon of violence in schools, within the scope of mass society based on the culture of capitalist racist patriarchal domination that resorts to violence to impose exploitation

¹ Graduada em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Piauí. Doutora e mestra em Políticas Públicas, linha de pesquisa Cultura e Identidade pela Universidade Federal do Piauí.

² Professor adjunto da Universidade Estadual do Piauí - UESPI, campus Parnaíba. Doutor (2014) e Mestre (2009) em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará - UFC, Bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Estadual do Ceará - UECE (2005).

and dehumanization. In recent years, this phenomenon has intensified, in Brazil, through extremism spread through digital media in promoting the trivialization of suffering, violence, evil and death. In this sense, this article reflects analytically on the impacts of the culture of hate on education, within the scope of what Arendt calls a moral catastrophe. We defend collective responsibility for the loving education of childhood. So that we can live our humanity fully, it is urgent to end the culture of racist patriarchal domination. Without this, there will only be treatment of the symptoms and not the causes of the phenomenon of violence in schools.

Keywords: Education; moral catastrophe; culture of patriarchal domination; phenomenon of violence in schools; indifference.

1 INTRODUÇÃO

Nos últimos sete anos, no Brasil, com exceção de 2020 devido ao contexto pandêmico covidiano, tem havido o aprofundamento do canalizador político e ideológico do extremismo, o qual é o elemento central dos ataques às escolas e difundido pelos meios digitais na promoção da banalização do sofrimento, dos mais diversos tipos de violências e da morte. Escolas e ambientes escolares brasileiros foram tornados alvos e lócus de violência, com 36 ataques a escolas que vitimaram 37 comunidades escolares e 164 pessoas, das quais 49 foram vítimas fatais, entre os anos de 2002 a outubro de 2023, sendo que vinte e um (21) deles, ou seja, 58,33% aconteceram de 2022 – dez (10) ataques – para 2023 – onze (11) (BRASIL, 2023).

Segundo Brasil (2023), os ataques às escolas ou ataques de violência extrema contra as escolas são um fenômeno contemporâneo, compondo o universo das violências nas escolas. Adolescentes e jovens são cooptados mediante grupos e discursos de ódio, em interações na internet, pautados na ideologia supremacista branca, masculina e heterossexual, fomentando misoginia, capacitismo, racismo e homofobia. Em sua maioria, esses ataques são praticados por alunos e ex-alunos, como reação a ressentimentos, fracassos e violências experienciadas tanto na vida quanto na comunidade escolar. O *bullying* é um dos seus fatores, mas não explica sozinho este fenômeno multicausal. Dentre as causas, estão: a falta de controle sobre discursos e práticas de ódio disseminadas facilmente por meios digitais; a cultura armamentista e de glorificação da violência na sociedade; as desigualdades sociais e políticas educacionais inadequadas e ambientes não acolhedores, relacional e fisicamente falando; violências institucionais, micro violências e a exacerbação do extremismo no Brasil.

A motivação dos ataques não pode ser reduzida a questões de saúde mental dos perpetradores, apesar desta ser um aspecto relevante. Esses ataques, no âmbito de suas

especificidades, são crimes por imitação, baseados ou inspirados em um crime anterior, favorecendo e explicando o “efeito de onda”, estabelecido no Brasil desde 2017 e piorado nos últimos três anos. Um dos crimes “inspiradores” mais famoso é o de Columbine, que ocorreu em 1999, nos EUA. Em linhas gerais, os adeptos das ideologias extremistas têm a violência, o poder e a crueldade como as supremas aptidões masculinas e usam a violência para realização das doutrinas supremacistas, espelhando irrefletidamente uma educação para a morte. Isso numa estrutura que simplifica a realidade e ativa afetos como medo e ódio, reforçando senso de pertencimento e estigma aos diferentes.

A educação não sendo um ente em separado da sociedade, reflete as consequências do moralismo beligerante inspirado em ideologias extremistas e de repressão e destruição da diferença. Tendo em vista a impossibilidade de estabelecer um plano padronizado que funcione do mesmo modo em todas as escolas, urge a necessidade de compreensão dos ataques violentos a escolas para melhor informar os esforços multiníveis e multifatoriais de prevenção do fenômeno, os quais incorporem múltiplas estratégias e abordem todas as possibilidades de possíveis atos de violência às escolas, na promoção de um ambiente escolar pacífico e seguro. Nesse sentido, este artigo visa refletir analiticamente acerca dos impactos da cultura do ódio na educação, no âmbito do que Arendt (1999; 2012; 2021) chama de catástrofe moral, retroalimentados pelo isolamento social, solidão em massa, ressentimento e indiferença. Esta última, arendtianamente falando, o verdadeiro contrário de bem.

2 A EDUCAÇÃO E SUAS CONTRADIÇÕES

A educação tem uma dupla função: socializar e humanizar. A escola é um lugar de humanização que, partindo de um tratamento educativo das diferenças, pode estimular um modo de viver democrático. Como espaço de transmissão do legado humano, é a resposta social à barbárie. Quando um ataque violento à escola acontece, os princípios do cuidado, da formação de novas gerações e da manutenção da cultura humana são, conseqüentemente, atacados e destruídos. Ataques violentos às escolas servem à barbárie. Por sua vez, a instituição escolar, ao reproduzir a arbitrariedade cultural da ideologia dominante, legitima a ordem existente e se converte em válvula de escape das contradições e desajustes sociais. E, no meio do caminho, há a organização social capitalista, que afeta a formação humana, num processo de desumanização de todos os envolvidos no processo educativo. Ainda mais no modelo

educativo brasileiro constituído, historicamente, por relações violentas de opressão, dominação e silenciamento. A sociedade capitalista empreende um processo crescente de desqualificação da educação oferecida e descaracteriza o papel do/a educador/a, cuja atuação é reduzida à mera reprodução sem debate e sem reflexão (GÓMES, 1998; FERREIRA; BARBOSA; BARROS, 2023; FONSECA, 2023).

A escola, ao ter sido tornada alvo de violência, passou a sofrer o questionamento: o que a escola e seus membros fizeram ou deixaram de fazer para que isso acontecesse? No entanto, esse questionamento nega a realidade e a multifatorialidade da constituição do fenômeno, transferindo a responsabilidade pelos crimes às vítimas. Essa negação é uma forma de escamotear que os ataques violentos contra a escola “são contra a vida diversa e o direito comum” (FONSECA, 2023, online). A violência às escolas reflete a relação entre precarização da vida e do trabalho e sufoco físico, psíquico e material, que enfraquece a possibilidade de agir no mundo; o contexto de vida e de constituição das diferentes infâncias e adolescências; a responsabilidade das mídias, das plataformas e dos aplicativos digitais da internet divulgadores e incentivadores do domínio da lógica individualista e competitiva; e o modelo de vida e de convivência fortalecedor da lógica punitivista que exclui o pensamento autônomo.

Em tal estado de coisas, a violência às escolas ou os massacres em escolas, em que adolescentes e jovens adultos matam crianças, adolescentes e adultos no ambiente escolar, provocam-nos o seguinte questionamento arendtiano: o que esses eventos e acontecimentos nos ensinam? Essa questão, em conjunto com os dados acerca do alastramento da violência às escolas, a partir de 2019, no Brasil, em contraposição à redução da taxa global de violência às escolas, apontam para a relação entre o governo Bolsonaro (2019 a 2022) e a implementação de ações de extrema-direita.

Nesse sentido, Alonso (2019) caracteriza a comunidade moral bolsonarista como simplificadora da realidade, ativadora de sentimentos coletivos como o medo e o ódio, que reforça o senso de pertencimento através da estigmatização dos diferentes, vistos como uma ameaça, incentivando o uso da violência (física, simbólica ou política) para proteger o grupo contra seu “inimigo objetivo”. Ao travar uma “guerra cultural” nas redes sociais, visa deslegitimar reivindicações de minorias (sexuais e étnicas), convertendo adversários políticos em inimigos da pátria, por isso, abatíveis. Dentre os inimigos objetivos do bolsonarismo, os professores e as escolas doutrinadoras.

Essa comunidade considera que os inimigos devem ser extraídos do convívio social

através da força física. A comunidade moral bolsonarista, no campo da moral privada, é patriarcalista, baseada na hierarquia de gênero, sendo a masculinidade e a virilidade os elementos imprescindíveis de superioridade. Faz a defesa do movimento Escola Sem Partido, que combate a suposta doutrinação esquerdista sobre crianças e jovens, demandando uma impossibilidade, qual seja, educar sem politizar. No âmbito político, a comunidade defende a restauração da hierarquia de gênero, a dominância do casamento heterossexual, a orientação religiosa da conduta e a educação autoritária.

Alonso (2019) defende que esta comunidade dispensa o raciocínio complexo, posto prescindir de teoria e ser incapaz de persuadir por argumentação, mas apenas por repetição, na crença numa realidade paralela. Apesar disso, a maioria das pessoas que compõem a comunidade não é formada de insanos, ignorantes ou sem consciência de seus interesses. São pessoas comuns que acreditam na violência como autodefesa, na meritocracia e no trabalho duro. Portanto, é ineficaz debochar dessa comunidade, já que representa uma parcela significativa da sociedade brasileira. Em outras palavras, em consonância com Arendt (1999), para Alonso, as massas politicamente indiferentes importam.

3 O FENÔMENO DA VIOLÊNCIA ÀS ESCOLAS NO BRASIL

Para melhor compreensão do fenômeno, faz-se necessária a diferenciação dos significados e das experiências do termo “violência às escolas” de outros relacionados a diversos tipos de violência atrelados ao ambiente escolar. Assim, tem-se que: a violência na escola ou violência escolar designa ações que são, no mais das vezes, de origem interna, como a agressão entre membros da comunidade escolar (alunos, professores, gestores e funcionários em geral) uns contra os outros, ocorrendo, portanto, dentro do ambiente escolar ou em suas mediações, vitimizando pessoas; a violência contra a escola, caracterizada pela agressão ao patrimônio, seja através de incêndios, roubos e furtos; a violência da escola, manifestada pela própria instituição como agente agressor, seja na sua organização, no seu funcionamento ou no seu relacionamento com os alunos, professores e demais membros; e a violência às escolas, que trata de ação externa contra a comunidade escolar, contra a escola, produzindo prejuízos de qualquer ordem contra aqueles que compõem e fazem parte do ambiente escolar. Esta se refere a ataques direcionados à instituição escolar, indicando que o agente da violência não é a instituição escolar em si ou suas práticas. Dessa forma, o alvo e o lócus dessa violência é a

escola, sua estrutura física e sua comunidade. A violência às escolas é um fenômeno considerado raro, complexo e imprevisível (BRASIL, 2023; PELLANDA; FROSSARD, 2023).

Os primeiros registros de violência às escolas datam do século XIX, nos Estados Unidos. Esse período corresponde à consolidação do capitalismo como modo de produção econômica e como sistema social, o qual é, adoeceadoramente, patriarcalista, individualista, competitivo, produtivista, promotor do isolamento social, da solidão em massa, da indiferença e do medo generalizado. Todos são/somos estranhos de si mesmos e entre si, numa relação desesperadora e mutuamente hostil. A violência às escolas intensificou-se a partir da década de 1980, ultrapassando as barreiras geográficas norte-americanas. A intensificação do fenômeno corresponde, por sua vez, ao período de implantação do neoliberalismo, o qual aprofundou a precarização do trabalho e da vida. Contemporaneamente, vivemos sob condições sociais, em que todos, independentemente de classe social, definhamos (MARX, 2006; ARENDT, 2012; BRASIL, 2023; PELLANDA; FROSSARD, 2023).

Nessa conjuntura, a cooptação de crianças e adolescentes pelo extremismo de direita aglutina-se em torno da ideologia supremacista nazifascista, pautada no ódio às majorias minorizadas ou aos diferentes; fomentando ações e eventos violentos, os quais têm nas mulheres seus alvos frequentes. O fenômeno da violência contra as escolas, até 2019, era extremamente raro no país. A partir de então, tem-se tido uma nefasta tendência de alta e atingido escolas da educação básica, desde creche ao ensino médio, tanto em instituições públicas como particulares. Só no mês de outubro de 2023, dois ataques violentos contra escolas vitimaram dois adolescentes e deixaram seis feridos. Os eventos violentos contra as escolas apresentam a intenção de produzir mortes; tendo o espaço escolar, como palco da agressão, significado central na motivação e dinâmica dos ataques. Pois, a maioria dos autores de ataques violentos a escolas era de alunos (59%) e ex-alunos (33%). Dos casos abordados no estudo, em apenas dois (creches), os autores dos ataques violentos não tinham envolvimento com a instituição, fazendo, assim, escolha aleatória (LANGEANI, 2023).

Os elementos em comum do fenômeno da violência às escolas, no Brasil, são: todos os autores de ataques violentos contra escolas, eram/são do sexo masculino, predominantemente brancos, socialmente isolados e com hábitos online; na maioria dos ataques, houve a utilização de armas de fogo; promoção da violência e de discursos de ódio; extremismo de direita (nazifascista); estrutura patriarcalista com sua cultura machista, misógina e homofóbica; redes sociais da internet como meio de cooptação e ferramenta de propagação da cultura e do

discurso do ódio; marginalização, ressentimentos e históricos de doenças mentais (BRASIL, 2023).

Para Oliveira, Costa e Azevedo (2023), com o alastramento do fenômeno da violência às escolas, no Brasil, é esperado nos meses de março e abril, na comunidade de crimes reais, uma maior agitação referente aos aniversários dos massacres escolares mais cultuados (Realengo, Suzano e Columbine, este último nos EUA). Mas, com o ataque violento à escola do dia 27 de março de 2023, perpetrado por um aluno de 13 anos da Escola E. E. Thomazia Montoro, na cidade de São Paulo, que matou por esfaqueamento uma professora de 71 anos e feriu três professoras e um aluno, houve uma escalada inédita de ataques no país. Até 2021, a comunidade *True Crime Community* (TCC) voltava-se, majoritariamente, para a troca de informações usadas em investigações amadoras. Contudo, desde então, houve uma entrada significativa de membros de perfil violento e extremista que glorificam assassinatos, atiradores escolares e supremacistas brancos, cujas postagens destinam-se a celebrar massacres e exaltar terroristas, com substancial “desapreço pelo ambiente escolar” (p. 02).

As autoras apontam para a relação entre incitação a ataques na comunidade TCC e o efeito de “chamada à ação”, que objetiva incentivar adolescentes que tenham a intenção de agir em ataques violentos a escolas. Isso porque o aumento de ataques reais relacionou-se à “chamada à ação”, a partir da onda de boatos iniciada no dia 09 de abril de 2023, registrando três (03) ataques em um período de dois dias, nos estados de Goiás, Amazonas e Ceará. Sendo que os autores dos atentados no Amazonas e no Ceará tinham perfis na subcomunidade TCC. Para a Terra (2023), a conclusão apresentada pelo relatório produzido por Oliveira, Costa e Azevedo (2023), acerca da existência de um movimento incentivado está em consonância com o posicionamento de Flávio Dino, na época, ministro da Justiça e da Segurança Pública, e de Alexandre de Moraes, ministro do Supremo Tribunal Federal, que destaca a existência de uma rede estruturada que visa gerar medo e pânico social, através de ação planejada de desinformação.

Para Schurig (2023), a sigla AAS – assassino, atiradores escolares e supremacistas brancos – é mais adequada do que a sigla TCC, já que esta última se refere a um gênero documental multimídia legítimo, que informa ou educa sobre casos de crimes reais. Os AAS relacionam-se intrinsecamente com o extremismo de direita nazifascista, especialmente, na plataforma Telegram, fomentando discurso de ódio, mediante mensagens de apologia e de incentivo de massacres escolares, com foco em vitimar mulheres, pessoas não brancas e com

deficiência, como no ataque à escola em Barreiras, no estado da Bahia, em 2022, em que uma jovem cadeirante foi assassinada. A autora também destaca o uso do *bullying* como justificativa para apologia aos ataques violentos contra escolas e a falta de moderação dessas comunidades por violarem as políticas de moderação da plataforma Twitter (atual X). Em relação ao *bullying*, pontua o questionamento de autoridades e especialistas acerca dele ser um dos fatores do fenômeno da violência às escolas. Em sua análise, considera importante destacar esse elemento, factual e constantemente presente nas publicações da comunidade AAS, nas plataformas X e TikTok.

Entendemos, neste artigo, o uso do *bullying* como falsa justificativa na conjuntura do processo de constituição da categoria de inimigos objetivos, o qual pressupõe a destruição de supostos inimigos. Quanto à falta de moderação por parte das plataformas digitais, especialmente, do Twitter (X), entendemos que, no cerne da sociedade capitalista patriarcalista supremacista branca, tudo, da vida à morte, é mercantilizado. Os mais diversos tipos de violência são mercadorias altamente lucrativas para essas plataformas. Por isso, a omissão e a desresponsabilização delas pelo monitoramento, que é um dos fatores de mitigação da violência às escolas, visto crianças e adolescentes serem nelas cooptados.

Pellanda e Frossard (2023), visando a apresentação de aspectos fundamentais para a compreensão do fenômeno por parte das comunidades escolares, sociedade civil e tomadores de decisão, reforçam como objetivo principal para os tomadores de decisão a apresentação de subsídios para elaboração de políticas sociais integradas e de ações coletivas focadas na prevenção da violência às escolas. Destacam como pontos de atenção redobrada: o aumento do fenômeno mundial de disseminação do discurso do ódio voltado contra mulheres, pessoas não brancas, comunidade LGBTQIA+, o qual é promovido por apoiadores da ideologia de extrema-direita nazifascista e supremacistas brancos, nas mais diversas mídias, sejam *deep web*, *dark web*, ou nos ambientes de mais fácil acesso da internet; ataques orquestrados e influenciados pelos discursos do ódio; e o tipo de sociedade em que vivemos – violenta e violadora de direitos, um problema muito mais profundo, complexo e multifacetado que a indisciplina ou o comportamento inadequado de alunos.

As autoras pontuam a importância do incentivo à promoção de ações de prevenção e de redução de riscos e o fomento de uma cultura de paz e convivência harmoniosa entre os membros da comunidade escolar, para que se possa pôr em prática a defesa da educação cidadã, libertadora, plural, antirracista, inclusiva, de qualidade e democrática. Esses

pressupostos éticos, juntamente com o combate à misoginia, ao racismo e à homofobia, são imprescindíveis no estabelecimento de parâmetros de combate ao fenômeno da violência às escolas. Dentre as mais diversas frentes do contexto político atual, o Estado brasileiro é responsável no processo de redução de direitos, especialmente, no âmbito da educação, priorizando uma agenda econômica neoliberal, que foca na educação tecnicista, falsamente neutra, produtora de mão-de-obra barata, que aprofunda as desigualdades socioeconômicas, políticas e educacionais.

Outro ponto importante relacionado ao fenômeno em questão é a necessária contraposição às ideias de extrema-direita que defendem o pensamento deturpado de “lei e ordem” e do uso da força policial como solução estrutural para a problemática das violências. É preciso ter cautela quanto a essas medidas que não tratam as causas do fenômeno. Por exemplo, tem-se os EUA, o país com o maior número de massacres em escolas e universidades. Nos últimos anos, mesmo com o aumento em investimento financeiro e em medidas para aumentar a segurança de escolas e universidades, nos EUA, houve aumento no número de casos. Isso quer dizer que guardas armados nos ambientes educacionais não reduzem o número de vítimas em massacres. Podendo inclusive aumentar o absenteísmo estudantil das camadas mais vulneráveis da população (TERRA, 2023).

4 A COMPREENSÃO DO FENÔMENO DA VIOLÊNCIA ÀS ESCOLAS COMO UMA CATÁSTROFE MORAL

Arendt (1999; 2012; 2021) discute o método da familiarização das pessoas com a ideia acerca do extermínio, mediante a rotinização da violência, da tortura, da morte e do mal, abordando o aprendizado da resistência ao “não-matar”, fazendo com que o mal perdesse sua qualidade de tentação sobrenatural, sendo transformado em mal banal. Na sociedade ocidental contemporânea, há muitas pessoas, nem pervertidas, nem sádicas, mas terrível e assustadoramente normais. Uma normalidade extremamente apavorante, que fez surgir um tipo novo de criminoso, que comete seus crimes em circunstâncias que tornam praticamente impossível para ele saber ou sentir que está agindo de modo errado, visto ser destituído de imaginação, reflexão e capacidade de pensamento autônomo. Em síntese, esse novo tipo de criminoso é hostil ao gênero humano.

Nesse contexto, origina-se uma estranha possessão ideológica que faz com que uma

ideia seja “sentida” e “posta” em prática; torna o homem em deus, governado por uma ideia mentirosa. Dessa forma, o verdadeiro oposto do bem não é o mal ou o crime, é a indiferença. Nisso, a categoria de inimigos objetivos caracteriza-se pela mudança da identidade da vítima de acordo com as circunstâncias do momento ou pela arbitrariedade na escolha das vítimas, que passam a ser, persistentemente, insultadas até que todos saibam que ela é sua inimiga. Assim, justifica-se matá-la em autodefesa. Nesse sentido, pensamos que o uso do *bullying* como justificativa para a violência às escolas, por parte de perpetradores de ataques violentos às escolas, se encaixa no processo de construção da categoria arendtiana de inimigos objetivos.

A sociedade massificada, politicamente indiferente e incapaz de refutar argumentos contrários, prefere métodos mortais a persuasivos, terror à convicção; interpreta o sofrimento como “instrumento de progresso histórico”; louva a violência, o poder e a crueldade como aptidões supremas do homem; e promove a crueldade à categoria de virtude maior. Ao adotar o terrorismo como filosofia, possibilita a expressão da frustração, do ressentimento e do ódio, através de algo imprevisto, cuja publicidade é observada com prazer por impingir às camadas normais da sociedade o reconhecimento da existência de alguém. Na sociedade massificada reside o perigo da completa solidão, qual seja, os imensos sacrifícios de vida humana, devido ao uso da violência para dar realidade às doutrinas e às mentiras.

A massificação da sociedade massificou a solidão que, a partir do século XX, passou a ser uma ameaça constante de desertificação do mundo, por ser a experiência diária de massas cada vez maiores, num mundo, onde ninguém merece confiança e onde não se pode contar com ninguém, devido à consolidação de uma doutrina de extrema desumanidade. Ou seja, na sociedade capitalista, o estado de individualismo moral resultou em enfraquecimento das crenças tradicionais, acarretando desesperança. Assim, há a incitação de irritações violentas, a normalização do constante estado de crise e de anomia e o afrouxamento dos vínculos sociais. O indivíduo isolado apega-se apenas a si mesmo, já que o isolamento cria vazio ao redor e o vazio em si; não restando ao indivíduo nada além da sua própria miséria para refletir. Nessa conjuntura, impede-se a possibilidade de se exercitar o pensamento crítico no combate e enfrentamento das práticas sociais excludentes, como misoginia, racismo, capacitismo e homofobia (WEBER, 2002; ARENDT, 2012; DURKHEIM, 2014).

A sociedade massificada pauta-se na cultura de dominação patriarcal capitalista individualista materialista consumista supremacista branca, que recorre à violência para impor a exploração e a desumanização. Culturas de dominação apoiam-se no cultivo do medo como

forma de garantir a obediência. O pavor individual e coletivo foi cotidianizado, tornando, por sua vez, as pessoas obcecadas pela ideia de segurança. Mas, não há o questionamento do porquê de vivermos em estados de extrema ansiedade e terror. A ausência desse questionamento atrela-se à manipulação produzida pelos meios de comunicação patriarcal de massa que insistem na perpetuação da ética da dominação e da violência patriarcal. Esta última é direcionada às crianças e aos adolescentes e é também aprendida, primeiramente, nas experiências de desamor na infância. A violência é reafirmada na recusa de encará-la na realidade. Tanto que a masculinidade patriarcal, que é violenta, se caracteriza pela inabilidade para assumir a responsabilidade por causar dor a si e aos outros. Isso se explicita, especialmente, quando os homens, em particular, justificam a violência e a extrema violência contra quem tem menos poder, sugerindo que eles, os agressores, são as verdadeiras vítimas (HOOKS, 2021).

Sem sustentação coletiva de vida partilhada, as angústias, incertezas, dores, tristezas e frustrações levam à quebra da experiência humana, “facilitando a captura exercida por discursos do ódio que defendem a destruição de pessoas e instituições” (FONSECA, 2023, online). O fenômeno da violência às escolas, no âmbito de outro fenômeno, o da superfluidade ou descartabilidade da vida (ARENDRT, 1999; 2012) atrelado ao conceito arendtiano de “inimigos objetivos”, não pode ser reduzido cruelmente, conforme Fonseca (2023), à tendência que justifica esse tipo de violência a causas psicológicas ou psiquiátricas individuais. Pois, na multiplicidade do fenômeno, armas, política armamentista, cooptação para o crime e, especialmente, a indiferença matam.

Quanto à violência e a crueldade da sociedade massificada, as mulheres e suas crianças continuam sendo as vítimas preferenciais da tirania familiar patriarcal. São tratadas como propriedade privada submetida ao poder masculino de indivíduos forçosamente submissos, que as consideram mais fracas que eles. A sociedade capitalista patriarcalista é indiferente e hostil às mulheres e às suas crianças. A dominação masculina tem na Escola e no Estado, os lugares centrais de elaboração e de imposição da lógica da dominação. A dominação masculina dispensa justificção e perpetua-se através de atos de reconhecimento de submissão por parte das mulheres (MARX, 2006; BOURDIEU, 2017).

Há a naturalização da ética da honra masculina, que impõe, inculca e exige a exibição ostentatória da violência. Como as estruturas de dominação são históricas, no patriarcado, os homens atuam com suas armas, como as violências física e simbólica (esta última, sutil e

invisível), no âmbito das instituições Família, Igreja, Escola e Estado. Essa dominação vitimiza e aprisiona também os homens, aos quais é imposto, sem discussão, o ser homem governado pela honra. A isso, Bourdieu (2017) chama de cilada do privilégio masculino ou paradoxo da masculinidade, que impõe a virilidade em sua verdade de violência real ou potencial, exigindo a validação por outros homens e tornando-os vulneráveis, posto que é uma ilusão masculina.

Em outras palavras, certas formas de coragem masculina, como matar, torturar, violentar, dominar, explorar e oprimir, são formas de covardia, que refletem o medo da perda da estima do grupo, medo da exclusão do mundo dos homens fortes e duros com o próprio sofrimento e, principalmente, o dos outros. A virilidade, portanto, é uma relação construída diante dos outros homens, para os outros homens e contra a feminilidade, exigindo dos homens agressividade. A estrutura familiar patriarcal assenta-se no poder do homem branco e heterossexual, voltado para a reprodução, dado pelo tabu da feminização que, em sua doxa direita e de direita, impõe todo tipo de domínio simbólico, quais sejam: branco, masculino e burguês.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O fenômeno da violência às escolas está umbilicalmente atrelado ao capitalismo como sistema social e como cultura de dominação patriarcal supremacista branco, produtor da banalização do sofrimento, dos mais diversos tipos de violência, do mal e da morte. A cultura do ódio tem a violência como o seu denominador comum. A violência é uma ação muda, pois encontra-se na esfera relacional entre os homens. Quando utilizada, visa transformar o mundo, mas, para um mundo ainda mais violento, no qual, nossas possibilidades de agir humanamente ficam enfraquecidas. Então, como agir diante da indiferença que mata? Como impedir a violência às escolas? Quais ações podemos adotar para transformar nossa sociedade para melhor e mais aberta à pluralidade humana?

Arendt (1999; 2012; 2021) e hooks (2021) discutem que a violência é aprendida, não sendo um fenômeno natural. hooks é enfática ao apontar que o aprendizado da violência ocorre em nossas experiências de desamor na infância, tanto que, coletivamente, desconhecemos o amor. O mal-estar de nossa sociedade decorre da alarmante miséria moral ou catástrofe moral que configura o abandono a si mesmo do indivíduo. Por isso, a educação, para estas autoras, é o ponto onde nos responsabilizamos pela infância e pelo mundo, através do amor como ação.

Não a ação muda da violência que gera mais violência. Mas, a ação que faz uso do conversar informal, mútuo, aberto e cooperativo que visa a responsabilidade pelo compartilhamento do mundo em comum, o amor mundi arendtiano. Precisamos nos responsabilizar pela educação amorosa da infância. E um dos primeiros passos para uma sociedade mais amorosa, onde todas as pessoas possam viver sua humanidade com inteireza (CARNEIRO, 2011), consiste no fim da cultura de dominação patriarcal. Ou seja, enquanto esse tipo de cultura predominar, iremos apenas tratar os sintomas e não as causas do fenômeno da violência às escolas.

REFERÊNCIAS

ALONSO, A. A comunidade moral bolsonarista. In: ABRANCHES, Sérgio *et al.* **Democracia em Risco?** 22 ensaios sobre o Brasil de hoje. São Paulo: Companhia de Letras, 2019, p.57-70.

ARENDT, H. **Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal.** São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

_____. **Origens do totalitarismo.** Antissemitismo, imperialismo e totalitarismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

_____. **Pensar sem corrimão.** Compreender 1953-1975. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2021;

BOURDIEU, P. **A dominação masculina.** A condição feminina e a violência simbólica. 4. ed. Rio de Janeiro: BestBolso, 2017;

BRASIL. **Ataques às escolas no Brasil: análise do fenômeno e recomendações para ação governamental.** Brasília: Ministério da Educação, 2023. Disponível em: relatorio-ataque-escolas-brasil.pdf (www.gov.br). Acesso em: 10/05/2024;

CARNEIRO, S. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil.** São Paulo: Selo Negro, 2011;

DURKHEIM, Émile. **O suicídio.** Estudo de Sociologia. São Paulo: EDIPRO, 2014;

FERREIRA, L. H.; BARBOSA, A.; BARROS, G. M. Entre tantas violências: políticas, lugares e a construção do sentido da escola. In: **Revista da FAEBA – Educação e Contemporaneidade,** Salvador: UNEB, v. 32, n. 69, jan./mar. 2023, p. 59-77;

FONSECA, P. F. Violência às escolas: reflexões. Publicado em: **Periscópio – Portal de divulgação científica IPUSP** (Instituto de Psicologia da USP). Disponível em: Violência às escolas: reflexões – Portal de Divulgação Científica do IPUSP. Acesso em: 27/10/2023;

GÓMES, A. I. Pérez. Capítulo 1 – As funções sociais da escola: da reprodução à reconstrução crítica do conhecimento e da experiência. In: SACRISTÁN, J. G.; (orgs.). **Compreender e transformar o ensino.** 4. ed. São Paulo: Artmed, 1998, p. 13-26;

HOOKS, b. **Tudo sobre o amor: novas perspectivas.** São Paulo: Elefante, 2021;

LANGGANI, B. **Raio-X de 20 anos de ataques a escolas no Brasil: 2002-2023**. São Paulo: Instituto Sou da Paz, 2023;

MARX, Karl. **Sobre o suicídio**. São Paulo: Boitempo, 2006.

OLIVEIRA, L.; COSTA, P.; AZEVEDO, T. **Monitoramento das ameaças massivas de ataques às escolas e universidades: o papel das subcomunidades online que cultuam atiradores em escolas e sua relação com os boatos que produziram pânico generalizado no Brasil a partir do dia 09/04/2023**. Relatório, 2023;

PELLANDA, A.; FROSSARD, M. **Guia sobre prevenção e resposta à violência às escolas**. São Paulo: Instituto Campanha Nacional pelo Direito à Educação, 2023. Disponível em: Guia sobre Prevenção e Resposta à Violência às Escolas | CNDE (campanha.org.br). Acesso em: 05/11/2023;

SCHURIG, S. **Relatório sobre a comunidade brasileira de glorificação de assassinos, atiradores escolares e supremacistas brancos (AAS) nas plataformas TikTok e Twitter**. Relatório, 2023;

TERRA, V. Ação coordenada impulsionou ameaças de ataques a escolas para gerar pânico. Reportagem publicada pela **Agência Lupa**, Rio de Janeiro, em 19/04/2023, às 18h13. Disponível em: Ação coordenada impulsionou ameaças de ataque a escolas para gerar pânico (uol.com.br). Acesso em: 27/10/2023;

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Editora Martin Claret, 2002.